

A RESPONSABILIDADE NO PROCESSO TERAPÊUTICO THE RESPONSIBILITY IN THE THERAPEUTIC PROCESS

¹ Daniel dos Santos Rosa

RESUMO

O presente artigo busca ampliar a visão do ser humano e compreender como a responsabilidade pode ser essencial para dedicar-se e entregar-se ao processo terapêutico. Por meio de uma revisão bibliográfica de escritos de Viktor Frankl e demais autores, será apresentado como o olhar da responsabilidade pode ser fundamental para o desenvolvimento saudável do ser humano. Também será apresentado a perspectiva da responsabilidade em outras abordagens psicoterapêuticas. A partir disto, apresenta-se a responsabilidade e suas implicações como fundamental no processo terapêutico, para ambos, terapeuta e paciente, assim como sua influência que se estende para depois da terapia como um modo de ser e viver mais saudável.

Palavras-chave: Logoterapia. Psicoterapia. Viktor Frankl. Responsabilidade.

ABSTRACT

This article seeks to broaden the vision of the human being and understand how responsibility can be essential to dedicate and surrender to the therapeutic process. Through a bibliographic review of writings by Viktor Frankl and other authors, it will be presented how the view of responsibility can be fundamental for the healthy development of the human being. The perspective of responsibility in other psychotherapeutic approaches will also be presented. From this, responsibility and its implications are presented as fundamental in the therapeutic process, for both therapist and patient, as well as its influence that extends to after therapy as a healthier way of being and living.

Keywords: Logotherapy. Psychotherapy. Viktor Frankl. Responsibility.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo parte de uma revisão bibliográfica em psicologia, que visa compreender se a responsabilidade pode ter uma influência clínica e terapêutica importante. Durante o processo terapêutico, pacientes e clientes parecem encontrar dificuldades em diferentes níveis em agir

¹ Graduado em Psicologia pela Faculdade de Desenvolvimento do Rio Grande do Sul (FADERGS). Especialista em Neuropsicologia pela Faculdade Dom Alberto. Pós-graduado em Logoterapia e Análise Existencial pela Faculdade Unilife. E-mail: psi.danielsrosa@gmail.com

com responsabilidade, perante si, perante o mundo, e perante as pessoas, incluindo seu próprio processo terapêutico. Devido a isso, algumas questões foram levantadas: A responsabilidade pode proporcionar algum benefício para a saúde do paciente? Qual a influência da responsabilidade no processo de reestabelecer a saúde? Existe algum consenso entre as abordagens de psicoterapia sobre o assunto?

Em amplo aspecto, a psicoterapia vem demonstrando grande avanço no conhecimento e auxílio da saúde mental e emocional. Entretanto, é possível observar que a falta de responsabilidade perante si mesmo e sua saúde, da mesma forma que perante os outros e a comunidade, tanto dos terapeutas quanto dos pacientes, vem se tornando um fator que dificulta o processo terapêutico (FRANKL, 2020).

É comum aos pacientes buscar colocar a culpa de seus desafios em outras pessoas ou nos condicionamentos sociais, econômicos, culturais, políticos, ou mesmo nos ambientes de trabalho, escola, faculdade, e depois ambientes sociais inseridos. Além disso, buscam justificar-se ao dizer que seus desafios emocionais, ou mesmo uma psicopatologia o obriga a agir de determinada forma, fugindo de uma postura responsável perante suas escolhas.

Por mais que diversas justificativas sejam dadas, os pacientes acabam por ter dificuldades em saber o que fazer e como assumir uma postura ativa em relação aos seus desafios. Preferindo a passividade ao invés de uma atitude saudável de oposição ao que lhe é imposto. Por vezes, há resistência ao ouvir ou falar sobre a palavra responsabilidade. Já que é mais confortável para eles não assumir uma posição ativa rumo a mudança, ou mesmo uma ressignificação ou reestruturação de sua personalidade, buscando mudanças cognitivas, emocionais, comportamentais e sociais.

A responsabilidade também se torna importante para os responsáveis legais e familiares, que também possuem um papel fundamental no processo psicoterapêutico, que por muitas vezes esquecem de sua responsabilidade para adesão do tratamento. Sendo necessário, haver uma psicoeducação sobre assumir esse papel de coparticipante do processo, para que juntos ao terapeuta possam ajudar o paciente a alcançar os objetivos almejados na terapia (MACHADO; CARNEIRO; MAGALHÃES, 2011).

O que se percebe na prática dos atendimentos clínicos tanto do terapeuta quanto do paciente, ou pacientes se falarmos de terapia de casais, terapia familiar ou terapia de grupo, é uma necessidade de compreender a questão de responsabilidade perante a liberdade existencial do ser. Sendo que cada pessoa possui a liberdade para escolher e agir, mas muitas vezes esquece da responsabilidade inerente a cada escolha livre realizada (BURGESE; CERON-LITVOC, 2015).

Sendo assim, para poder compreender o que é a responsabilidade e como ela pode ou não ser um importante ponto a ser trabalhado na terapia, procurou-se obter mais informações em diversos autores de abordagens diferentes, mas complementares, que possam concordar ou discordar na importância da responsabilidade no processo terapêutico.

Ao estudar sobre o assunto, pouco se encontrou na literatura sobre a importância da responsabilidade no tratamento terapêutico de forma mais específica e clara. Foi necessário estudar livros e artigos que tratam sobre alguns aspectos da responsabilidade e da liberdade antropológica, ou com outros termos para poder ampliar o tema e aprofundar mais detalhadamente. E foi assim que se encontrou pontos em comum entre as abordagens de psicoterapia sobre o tema proposto, as quais serão apresentadas no decorrer deste artigo.

É importante enfatizar a importância da psicoterapia, já que o ser humano pode conhecer a si mesmo mais profundamente, além de se desenvolver para realizar o que busca, ou mesmo encontrar o que está buscando, sendo muitas vezes ocultado de sua consciência. Assim poderá encontrar e realizar uma vida mais feliz e saudável (DA SILVA; BREITENBACH, 2009).

2 A RESPONSABILIDADE COMO CARACTERÍSTICA DO SER HUMANO

Foi encontrado conteúdo considerável sobre o assunto em uma abordagem conhecida como Logoterapia e Análise Existencial criada por Viktor Frankl, uma abordagem Fenomenológica-Existencial, onde é possível adquirir uma compreensão ampla do ser humano em sua totalidade, por ser aberta e capaz de se integrar à outras teorias e abordagens de psicoterapia, sendo eficiente em seus métodos de intervenção. Veremos também como o princípio da responsabilidade, poderá ajudar, tanto individualmente quanto coletivamente as pessoas que buscam uma vida saudável (PACCIOLLA, 2017).

Frankl (2015) explica que temos a Liberdade da Vontade, que diz ao homem sua liberdade e responsabilidade perante sua Vontade de Sentido, que busca o Sentido da Vida para preencher sua motivação primária da existência. Sendo fundamental ao processo do ser humano ao agir com responsabilidade perante suas escolhas realizadas com esta liberdade, sendo um ser que responde a esta liberdade.

Hayes (2021) e Frankl (2017) Concordam com a definição da palavra responsabilidade, que tem por sua origem no *LATIM*, *RESPONDERE*, que traz a ideia de “dar resposta, responder, prometer”. Os autores afirmam que a palavra ser responsável é ser capaz de responder, de dar uma resposta a cada momento, e de assumir um compromisso perante esta resposta. Pois a todo momento somos chamados pela vida, pelas exigências de cada momento, por nossos valores, e

por nossa consciência a dar uma resposta.

Peter (1999) Esclarece em seu livro Viktor Frankl: A Antropologia como Terapia, o conceito e ênfase fundamental que Frankl dá ao sentido da responsabilidade, como sendo a definição de homem como “ser responsável”. Sendo parte da essência antropológica, ao qual não deveria ser ignorada no trato de qualquer ser humano, principalmente no processo terapêutico, ao qual busca ajudar o ser humano a restabelecer sua saúde.

De acordo com Allers (2022) A responsabilidade exprime duas posições, um exterior e outra interior. A primeira, se fundamenta no não-eu, “provida pela ação do homem”. Enquanto, a segunda está direcionada a conduta e “comportamento ativo do homem”. Enquanto a primeira se baseia naquilo que respondemos, que não pertencem a consequências de nossa própria escolha, por advir da ação de outros e do mundo, mas que pressupõe a necessidade de dar uma resposta a ela, a segunda assume a resposta que damos a nossas próprias atitudes e escolhas.

Fabry (1984) explica que por meio da responsabilidade aprendemos disciplina interior. Também diz que saber escolher e tomar decisões responsáveis perante si mesmo e perante os outros, é fundamental para uma relação saudável comigo mesmo e com outras pessoas, sendo fundamental para saúde biopsicossocial. O homem deve responder por suas escolhas, deve ter consciência de sua responsabilidade perante si e perante o mundo.

Cyrous (2013) diz que sendo o homem livre para agir, move-se pelo mundo, onde relaciona-se consigo mesmo, com outras pessoas e com o mundo, precisa compreender que é responsável por essas escolhas, pois o que decidir, afetará tanto a si mesmo quanto o mundo e as pessoas que estão ao seu redor. Por isso, é necessário que o homem assuma sua responsabilidade, pois é fundamental para sua existência e coexistência com outros seres humanos.

Sendo assim, ele precisa assumir sua responsabilidade perante suas escolhas, sendo um fator determinante neste processo. Já que possui a capacidade de se posicionar perante determinadas situações e assumir as consequências que virão deste posicionamento assumido, tornando-se fundamental que o homem tenha consciência que é livre para escolher, mas que precisará responder por cada escolha que fizer (FABRY, 1984).

3 A INFLUÊNCIA CLÍNICA DA RESPONSABILIDADE

Por meio da responsabilidade, Fabry (1984) diz que é necessário que o homem faça “aquilo que é necessário” e não “fazer o que se quer”. Neste argumento, o autor busca enfatizar a realização responsável das necessidades de cada momento, ao qual o ser humano é chamado

a responder, e não fazer apenas aquilo que deseja sem um olhar maduro e responsável perante os efeitos e consequências de suas escolhas. O homem é livre para escolher, mas precisa compreender que é responsável por cada escolha que fizer, sendo importante para o processo de realizar valores positivos que ajudará o indivíduo na busca de sentido, ao qual proporcionará saúde ao mesmo.

De acordo com May (2013), um dos pressupostos mais básicos da terapia é que o paciente precisa assumir a responsabilidade por si mesmo, caso contrário, a falta de responsabilidade torna-se um obstáculo para alcançar a saúde mental. Ele afirma ainda, que a saúde mental se fundamenta em uma restauração do senso de responsabilidade do indivíduo, por ajudar na conscientização de que apesar dos condicionamentos biopsicossociais, o indivíduo é livre para se opor a estes, se tornando responsável por esta liberdade antológica, concordando com os pensamentos de Frankl.

Ao suspender-se a responsabilidade de escolher, coloca-se no lugar uma norma comum, na qual o homem torna-se inautêntico, gerando sentimentos de angústia e culpa. Sendo assim, a pessoa pode ficar fixa em questões psicopatológicas, e não conseguirá viver uma vida autêntica e saudável até que este assuma a responsabilidade necessária para se opor, escolher e responder aos desafios que se mostram (ERTHAL, 2013).

Fabry (1984) afirma que o homem deve responder por seus atos, não por ser obrigado a responder, mas sim porque decidiu escolher, não é uma questão moralista, e sim uma questão de que toda liberdade não está relacionada a arbitrariedade, pois o homem precisa entender que assim como agiu, a responsabilidade por esse ato pertence a ele. Entretanto, quando se usa a liberdade de forma irresponsável, como a arbitrariedade, é que acaba por “conduzir ao tédio, ao vazio, a angústia e a neurose”.

Agir com irresponsabilidade poderá levar o homem para uma autoestima negativa, vivendo mal consigo mesmo, vivendo imerso no sentimento de culpa e angústia, acabando por diminuir sua alegria de existir. Ao contrário, a responsabilidade sentimento de satisfação, sua autoestima torna-se positiva, sentindo alegria e paz consigo mesmo, aumentando satisfação no presente e sua esperança no futuro (RUDIO, 1998).

Segundo Yalom (2006), é papel do terapeuta ajudar o paciente a perceber o quanto ele precisa assumir sua responsabilidade, já que por diversas vezes eles contribuem para o seu próprio sofrimento. Conforme o paciente toma consciência de sua responsabilidade perante si e perante outras e pessoas e seu mundo, ele conseguirá progredir mais rapidamente e eficazmente no processo terapêutico.

Entretanto, assumir essa posição varia de paciente para paciente, pois alguns rapidamente

reconhecem a necessidade de assumir esse papel, enquanto outros acham difícil assumir sua responsabilidade, geralmente atribuindo ela a outras pessoas. Quando se assume a posição de ser responsável, a terapia avança rapidamente quase sem esforço, já que desta forma, o paciente reconhece seu papel nos condicionamentos de sua vida, ao mesmo tempo que percebe que somente ele pode mudar tal situação (YALOM, 2006).

Frankl (2022) esclarece que é comum ao homem, e não apenas aqueles que passam por algum desafio que necessite de um acampamento terapêutico, esteja buscando fugir, encontrar desculpas ou até mesmo se esconder da responsabilidade. Ele acaba por reprimir sua consciência, nega sua liberdade, e desempenha um papel até mesmo antagônica a ela. Tenta argumentar, colocando a culpa em condicionamentos, seja de seu mundo interior ou de seu mundo exterior, do ambiente e do mundo, de suas questões psicofísicas, ou de outras pessoas.

Durante o processo terapêutico, ambos, terapeuta e paciente, se comprometem em caminhar juntos em busca da saúde. Desde então, ambos trabalham juntos em um processo de autoconhecimento e psicoeducação, ao mesmo tempo que descobrem caminhos e recursos para ter uma vida mais saudável e vencer obstáculos. Quando se assume uma postura responsável perante este processo, a terapia avança significativamente, e a saúde surge como consequência (YALOM, 2006).

Segundo Hayes (2021), A Terapia de Aceitação e Compromisso trabalha com a perspectiva cognitiva e comportamental relacionada a ajudar os pacientes a assumir um compromisso por meio de um padrão de comportamento no qual a pessoa assumirá a responsabilidade, por meio da ação, e ao mesmo tempo, caso sua ação falhe, deverá assumir um compromisso responsável adicional em relação a falha, buscando esforços direcionados e baseados em valores.

Rudio (1987), explica que na orientação não diretiva, atualmente conhecida como Abordagem Centrada na Pessoa, fundada por Carl Rogers, está fundamentada na relação de ajuda. Ao buscar ajudar o cliente a alcançar a condição fundamental para crescer, que está alicerçada em assumir uma aceitação da realidade por meio do que somos no aqui e agora. Com isto, é possível ter um encontro consigo mesmo, utilizando dos recursos que possui para melhorar e saber as suas dificuldades que estão impedindo seu desenvolvimento. Em outras palavras, para o autor, aceitar e assumir a realidade e se apropriar dos recursos que possui para melhorar sua saúde, está de acordo com a visão de outros autores sobre assumir a responsabilidade.

Erthal explica que na Psicoterapia Vivencial, que para ajudar o cliente, é importante que o terapeuta auxilie na conscientização de que este precisará assumir uma atitude responsável

pelo que deseja significar. Já que por meio da relação terapêutica, será fundamental que ocorra esse processo, caso contrário, o paciente continuará a distanciar-se do que o colocará em movimento de melhora e de cura (ERTHAL, 2013).

Na Psicoterapia da Gestalt, orienta os psicoterapeutas a não dar respostas para seus clientes, mas sim ajuda-los a encontrar as próprias respostas e agir de acordo com suas necessidades, de forma coerente e responsável. Para tal, o terapeuta buscará alcançar 8 objetivos na terapia, entre os quais está “aprender a assumir a responsabilidade”. Sem tal aprendizado, o cliente não poderá alcançar um tratamento bem sucedido (MARTÍN, 2013).

Na Terapia Racional-Emotiva Comportamental, busca-se a responsabilidade durante o processo terapêutico por meio de ajudar os pacientes a compreender três princípios fundamentais para melhora de sua saúde. Entre esses princípios estão: A disposição de admitir que sua reação em relação a situação experienciada é desproporcional; Assumir uma responsabilidade para mudar essa reação; e por último, Praticar constantemente o processo necessário para transformar o que é desproporcional e irracional em preferencias realistas e saudáveis (LIPP; LOPES; SPADARI, 2019).

A Logoterapia acaba sendo a abordagem que mais aborda o assunto da responsabilidade. Ela se esforça para que o paciente não transfira sua responsabilidade para outras pessoas e nem mesmo para o logoterapeuta. Por isto, busca ajudar o paciente a tornar-se consciente de sua responsabilidade, perante si mesmo, perante o mundo, e perante as pessoas ao seu redor. Decidindo como irá interpretar sua própria existência e responderá a cada questão apresentada perante si (FRANKL, 2019).

Para Lukas (1989) uma regra básica e fundamental deve estar sempre no processo logoterapêutico. Esta regra é definida como: “Deve-se oferecer ajuda, mas não se deve tirar a responsabilidade!” (Página 40). Pois, oferecer ajuda, retirando a responsabilidade do paciente, poderá colocar o mesmo em posição de vítima. Vítima de suas questões e conflitos internos e externos, sentindo-se impotente. Por isso, a logoterapia oferece ajuda, enquanto encoraja o paciente a tomar consciência de que a responsabilidade para mudar aquilo que é possível mudar, e de tomar uma posição e uma atitude sobre aquilo que não é possível mudar, pois a responsabilidade pertence ao paciente.

Por vezes, o paciente busca fugir de sua responsabilidade, muitas vezes se opondo ao processo terapêutico, se tornando resistente e inflexível. Cabe ao terapeuta buscar fortalecer o vínculo, ao mesmo tempo que busca por meio da psicoeducação ajudar o paciente a compreender como se dá os resultados almejados na terapia, como o processo se estabelece e como a evitação da responsabilidade pode agravar ainda mais as frustrações vivenciadas.

Ao mesmo tempo, não devemos esquecer que o paciente precisa assumir sua responsabilidade, tanto no processo terapêutico, quanto em sua vida fora do consultório. Pois não deve esquecer que é livre para tomar decisões em sua vida, mas que cada decisão resultará em consequências, que não afetam apenas a si, mas afetará outras pessoas e seu mundo como um todo. Sem isso, o processo da cura e ressignificação de suas questões poderá sofrer consequências negativas, e por vezes, demora de um processo saudável e duradouro (DE AQUINO et al., 2015).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo concluiu que a responsabilidade é importante para o processo terapêutico e na busca por ajudar pacientes e clientes a encontrar uma vida saudável, feliz e com sentido. Sendo o ser humano, por essência, livre para agir, e para tal é chamado a responder por qualquer ação que tomar, ou a reagir aos desafios internos e externos que lhe apresentam.

Segundo esses diversos autores e psicoterapeutas, não há benefícios para saúde pessoal e interpessoal ao fugir ou evitar a responsabilidade. Muitas consequências emocionais negativas acabam por interferir no processo terapêutico, dificultando o progresso em busca de saúde e felicidade. Parece haver uma concordância de que a psicoterapia precisa enfatizar a responsabilidade como um ponto fundamental e essencial para que o processo funcione de forma adequada e o paciente e cliente tenha resultados significativos e duradouros.

Encontrou-se uma grande concordância entre diversas abordagens, sobre o mérito da responsabilidade no processo da terapia, na postura saudável do paciente e clientes, na postura do profissional de saúde mental que busca ajudar, na prevenção de questões de doença, desafios emocionais, pessoais e interpessoais, questões existenciais e na transformação do indivíduo, sua maturidade, comprometimento e reestabelecimento de saúde e felicidade.

A responsabilidade se torna indispensável para o processo terapêutico, tanto para o terapeuta quanto para o paciente. Deste modo, o terapeuta precisa compreender seu papel em ajudar o paciente a se tornar mais responsável por sua saúde e por suas escolhas. Quando se mantém um relacionamento terapêutico onde prevalece o agir com responsabilidade, não apenas a terapia avança com mais rapidez como também se torna mais eficaz.

A Logoterapia surge como uma proposta fundamental, proporcionando um olhar mais amplo das dimensões humanas e da importância da responsabilidade no processo terapêutico, tanto do profissional de psicologia quanto do paciente que procura uma maior saúde mental. Uma abordagem como a logoterapia se torna importante para a prática clínica, devido a sua visão de ser humano, sua ampla prática e recursos. Sendo a logoterapia uma abordagem que

pode agregar e enriquecer a prática clínica em todos os campos, tanto na visão da totalidade do ser e suas dimensões, quanto nos recursos e técnicas oferecidos para ajudar no processo terapêutico.

Deste modo, é importante que se estude mais sobre o tema, já que pouco se encontrou sobre a responsabilidade no processo terapêutico em forma de atuação prática. Pouco se falou sobre métodos e recursos dentro desta perspectiva, apesar de haver concordância entre diversos autores sobre o assunto. O tema proposto ainda pode ser muito mais explorado e aprofundado, proporcionando um olhar rico que ajudará tanto terapeuta quanto paciente na caminhada de um processo eficaz e transformador, não apenas para uma maior qualidade de vida e saúde, mas sim para um movimento que fará o ser humano uma pessoa ainda melhor, tomando consciência de sua responsabilidade perante si mesmo, as pessoas que o cercam e o mundo em que vive.

REFERÊNCIAS

ALLERS, Rudolf. *Psicologia do Caráter*. Rio de Janeiro: Ed. CDB, 2022.

BURGESE, Daniel Fortunato; CERON-LITVOC, Daniela. Contribuições de Viktor Frankl ao sentido da vida e na temporalidade contemporânea. **Revista Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea**, v. 4, n. 2, p. 36-57, 2015.

CYROUS, Sam. Transformação Social: O papel que a Logoterapia tem nesse processo social **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, 2 (2), 125-134, 2013.

DA SILVA, Antonio Wardison Canabrava; BREITENBACH, Herivelton. **Fundamentação e Prática da Logoterapia**, 2009.

DE AQUINO, Thiago Antonio Avellar. et al. Logoterapia no contexto da psicologia: Reflexões acerca da análise existencial de Viktor Frankl como uma modalidade de psicoterapia. **Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial**, v. 4, n. 1, p. 45-65, 2015.

DOS SANTOS, David Moises Barreto. Logoterapia: compreendendo a teoria através de mapa de conceitos. **Arquivos brasileiros de psicologia**, v. 68, n. 2, p. 128-142, 2016.

ERTHAL, Tereza Cristina Saldanha. **Trilogia da Existência: Teoria e Prática da Psicoterapia Vivencial**. Editora Appris, 2013.

FABRY, Joseph B. **A Busca do Significado**. São Paulo: ECE, 1984.

FRANKL, Viktor E. **Em Busca de Sentido: Um psicólogo no campo de concentração**. 42. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

FRANKL, Viktor E. **Sobre o sentido da vida**. Editora Vozes, 2022.

FRANKL, Viktor E. **A Psicoterapia na prática**. Editora Vozes, 2019.

FRANKL, Viktor E. **A vontade de sentido: conferências escolhidas sobre logoterapia**. Campinas: SP: Editora Auster, 2022.

FRANKL, Viktor E. **O sofrimento de uma vida sem sentido: caminhos para encontrar a razão de viver**. Editora É Realizações, 2015.

HAYES, Steven C. Terapia de aceitação e compromisso : o processo e a prática da mudança consciente [recurso eletrônico] / Steven C. Hayes, Kirk D. Strosahl, Kelly G. Wilson ; tradução: Sandra Maria Mallmann da Rosa ; revisão técnica: Mônica Valentim. – 2. ed. – Porto Alegre: Artmed, 2021. E-pub.

LIPP, Marilda Emmanuel N.; LOPES, T. M.; SPADARI, G. F. **Terapia Racional-Emotiva Comportamental na teoria e na prática clínica**. 2019.

LUKAS, Elisabeth. **Logoterapia A força desafiadora do espírito: métodos de logoterapia**. Edições Loyola, SP: Leopoldianum Editora, 1989.

MACHADO, Rebeca Nonato; CARNEIRO, Terezinha Féres; MAGALHÃES, Andrea Seixas. Entrevistas preliminares em psicoterapia de família: construção da demanda compartilhada. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, v. 11, n. 2, p. 669-699, 2011.

MARTÍN, Ángeles. **Manual Prático de Psicoterapia Gestalt**. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

MAY, Rollo. **A arte do aconselhamento psicológico**. Editora Vozes, 2013.

PACCIOLLA, Aureliano. **Psicologia contemporânea e Viktor Frankl: Fundamentos para uma psicoterapia existencial**. Editora Cidade Nova, 2017.

PETER, Ricardo. **Viktor Frankl: A Antropologia como Terapia**. São Paulo: Paulus, 1999.

RUDIO, Franz Victor. **Orientação Não-Diretiva na educação, no aconselhamento e na psicoterapia**. 9 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

RUDIO, Franz Victor. **Diálogo Maiêutico e Psicoterapia Existencial**. Novos Horizontes Editora, 1998.

YALOM, Irvin D. **Os desafios da terapia**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.